

## CAPÍTULO IV

### Revoluções Militares

**A**S REVOLUÇÕES COMUNISTAS ocorreram sempre em países subdesenvolvidos. Excetuam-se alguns países da Europa Oriental, como a Tchecoslováquia e a Alemanha Oriental, em que a presença soviética, no pós-guerra, foi um fator decisivo, não se podendo, portanto, falar propriamente em revolução. Além das revoluções comunistas, porém, um outro tipo de revolução tem-se tornado cada vez mais freqüente nos países subdesenvolvidos: as revoluções militares. Nossa hipótese é a de que essas revoluções militares, da mesma forma que as revoluções comunistas, são um aspecto da emergência da tecnoburocracia no mundo moderno.

Sem dúvida o militarismo é um fenômeno muito antigo no mundo. A Assíria foi um Estado militarista. Esparta permanece ainda um exemplo de militarismo, ou seja, de domínio político dos militares sobre os civis. A história universal é freqüentemente confundida com a história militar, revelando a importância que, de uma forma ou de outra, sempre tiveram os militares na direção dos negócios públicos. Na América Latina, desde o período da independência, o governo de quase todos os países esteve nas mãos dos militares. O Oriente Médio, dentro da tradição muçulmana, esteve sempre sob o domínio de califas, cujo poder tinha origem religiosa e militar. Em todos os países do mundo o poder das armas sempre foi extraordinariamente grande, e a influência dos soldados foi sempre decisiva.

Este poder, porém, em regra, não era exercido em nome próprio. O poder militar era um instrumento a serviço do poder tradicional do aristocrata ou do poder econômico do capitalista. O poder tradicional geralmente se confundia com o poder militar. Eram os senhores de terra, os nobres, os califas, os xás, os mandarins, eles próprios os militares. A carreira militar era a carreira por excelência dos filhos dos senhores tradicionais. Em alguns casos, era a força militar que dava origem à posição aristocrática. É o caso por excelência dos cavaleiros medievais ou dos samurais. Em outros, o poder militar se justapunha ao poder tradicional, a ele se aliava, como aconteceu com tantos caudilhos, na América Latina, durante o século XIX.

Não é a esse militarismo que estamos nos referindo, quando afirmamos que as revoluções militares da segunda metade do século XX são um aspecto da emergência da tecnoburocracia no mundo. É sempre necessário lembrar que os fenômenos econômicos, políticos e sociais são eminentemente históricos. Fatos novos, novos instrumentos e técnicas de produção, novas relações de produção estão sempre surgindo, e os fenômenos históricos estão sempre em transformação. Uma transformação decisiva, em relação ao militarismo e ao papel dos militares na política, ocorreu com o surgimento dos exércitos modernos.

Uma concepção ampla de exército nos levaria a imaginá-lo como tendo origem em tempos imemoriais. Realmente, se definirmos exército simplesmente como um conjunto de homens e armas voltados para a luta armada, sempre houve exércitos no mundo. Entretanto, dentro de uma concepção mais restrita, os exércitos podem ser definidos como organizações burocráticas permanentemente constituídas de soldados profissionais, treinados para a guerra, obedecendo a uma hierarquia definida e a regulamentos escritos, formais e impessoais. Dentro dessa concepção burocrática do exército, este é um fenômeno recente, que tem origem particularmente na Prússia de Frederico, o Grande, no século XVIII, e que depois, já no período do capitalismo, durante o século XIX, se generaliza pelas demais nações do mundo. Nas palavras de Morris Janowitz:

Oficiais mercenários existiam no século XVI e formas rudimentares de profissionalismo eram claramente discerníveis no século XVIII; contudo, não se pode

falar do aparecimento de uma profissão militar integrada senão depois de 1800.<sup>26</sup>

Dentro dessa concepção, os exércitos profissionais aparecem como um instrumento dos Estados nacionais, que surgem na Europa, a partir das monarquias absolutas, com o objetivo de assegurar a ordem interna e realizar as guerras defensivas ou agressivas que atendessem aos interesses da burguesia capitalista, que então se ia transformando na nova classe dominante. Os exércitos, portanto, são fruto da emergência do capitalismo, da mesma forma que as monarquias absolutas e os Estados nacionais o foram. Visavam as três instituições combater o sistema feudal e assegurar condições para o desenvolvimento das burguesias nacionais.

Os exércitos surgem, desta forma, nos países capitalistas avançados. No século passado, na medida em que esses países vão adotando uma ideologia liberal, ao exército é reservado um papel essencialmente não-político. Aos militares são reservadas funções essencialmente militares. Aos políticos e aos capitalistas é reservado o controle político da sociedade.

Esta concepção, que subordina os militares aos políticos e aos capitalistas, ainda permanece nas democracias liberais dos países ocidentais, embora, na segunda metade do século XX, seja cada vez menos verdadeira. Foi correta durante o século passado e a primeira metade deste século, mas nos próprios países desenvolvidos capitalistas de tradições liberais mais arraigadas a influência dos militares é cada vez maior.

Foi, portanto, com o capitalismo que surgiram os exércitos modernos. Foi com o capitalismo que se generalizou a figura do soldado profissional e que o poder político foi separado do militar. Antes do capitalismo, o poder tradicional estava intimamente relacionado com o poder militar. Os militares eram os próprios aristocratas. Com o capitalismo, os militares vão sendo recrutados cada vez mais na classe média.<sup>27</sup> Os militares não mais se confundem, nem com os aristocratas, nem com os capitalistas.

<sup>26</sup> Janowitz, Morris. *O Soldado profissional*. Rio de Janeiro, Edições ORD, 1967. p. 14 (Primeira edição norte-americana: 1960).

<sup>27</sup> Cf. Lambert, Jacques. "Les Interventions militaires dans la politique en Amérique Latine." *Le Rôle extra-militaire de l'armée dans le tiers monde*. Paris, PUF, 1966. p. 355; Halpern, Manfred. "Middle Eastern Armies and the New Middle Class." In: *The Role of the Military in Underdeveloped Countries*. Princeton, Princeton University Press, 1962. p. 278; e Janowitz, Morris. *Op. cit.* p. 18.

Nos países subdesenvolvidos, já neste século, começam a se organizar os exércitos profissionais. Na África, na Ásia, na América Latina começam a surgir exércitos profissionais. Na América Latina, por exemplo, segundo Jacques Lambert, o primeiro exército profissional a se estruturar é o do Chile, em torno de 1880.<sup>28</sup> Mais ou menos na mesma época, em parte como resultado da Guerra do Paraguai, surge como organização burocrática efetiva o exército brasileiro, que até então era força inexpressiva em comparação com as milícias representadas pela Guarda Nacional, as quais representavam as oligarquias locais.<sup>29</sup>

Os exércitos não surgem necessariamente como organizações burocráticas independentes. No Brasil, por exemplo, foi necessário cerca de meio século para que o exército se organizasse em forma de uma burocracia. A vocação burocrática dos exércitos, a partir do modelo prussiano, porém, é irreversível. A maior eficiência obtida tanto na guerra quanto na paz por um exército disciplinado, com uma hierarquia definida, regulamentos e uma carreira precisamente estabelecida, constituído de oficiais profissionais, formados em academias militares, torna-se tão evidente, que não é possível imaginar outro modelo de exército.

Esta vocação burocrática dos exércitos modernos se acentua com a tecnificação da guerra. Todo o imenso desenvolvimento tecnológico que vem ocorrendo no século XX reflete-se diretamente na técnica militar. Na verdade, grande parte da pesquisa e do desenvolvimento da ciência, no nosso tempo, se deve aos interesses militares. O desenvolvimento da pesquisa atômica e da pesquisa em veículos espaciais são dois exemplos significativos da motivação militar do desenvolvimento científico contemporâneo.

Ora, na medida em que a guerra se tecnifica, torna-se cada vez mais necessária a burocratização dos exércitos. Burocracia é um sistema social administrado por especialistas, ou seja, por administradores tecnicamente competentes. A crescente complexidade da tecnologia militar exige oficiais cada vez mais treinados, uns como especialistas propriamente ditos, outros como administradores generalistas; todos como técnicos profissionais. Além disso, os exércitos modernos são cada vez maiores, o que, novamente, aponta na direção da organização burocrática. Quando um sistema social

<sup>28</sup> Cf. Lambert, Jacques. *Op. cit.* p. 352.

<sup>29</sup> Cf. Sodré, Nelson Werneck. *História militar do Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. p. 127-43.

crece muito, é praticamente condição de sua sobrevivência que se burocratize.

Seja, portanto, pelo caráter da vida militar, afeita à disciplina, à hierarquia, às rotinas e aos regulamentos, seja pela crescente complexidade tecnológica dos armamentos e das táticas militares, seja pelo tamanho cada vez maior dos exércitos, sua vocação burocrática é indiscutível.

A organização burocrática dos exércitos modernos nos países desenvolvidos, especificamente nos Estados Unidos, foi objeto de ampla pesquisa realizada por Morris Janowitz.<sup>30</sup> Mostra-nos Janowitz como o exército norte-americano, inicialmente aristocrático e tradicionalista, foi se transformando em uma vasta empresa burocrática. As elites militares, inicialmente recrutadas entre a classe alta superior, foi aos poucos mudando sua base de recrutamento para a classe média.<sup>31</sup> Por outro lado,

as novas tarefas das forças armadas exigem que o oficial profissional desenvolva cada vez mais as qualificações e orientações comuns aos administradores e dirigentes civis... um amplo segmento na instituição militar assemelha-se a uma burocracia civil no que se refere a problemas de pesquisas, desenvolvimento e logística.<sup>32</sup>

Nos países subdesenvolvidos não foi realizada pesquisa com a mesma profundidade, mas o caráter burocrático dos exércitos é claro. O modelo de exército adotado é sempre o dos países desenvolvidos. Missões militares norte-americanas, francesas, inglesas, alemãs, soviéticas, encarregam-se de implantar nesses países a tecnologia militar moderna. Além disso, a utilização de armamentos modernos condiciona a modernização das organizações militares dos países subdesenvolvidos.

Ao contrário do que acontece nos países desenvolvidos, porém, os exércitos, nos países subdesenvolvidos, antecedem, ao invés de serem o resultado da modernização da economia destes países. Nos países industrializados já vimos que os exércitos foram fruto do capitalismo, foram resultados do processo de industrialização e burocratização que vai atingir toda a sociedade. Nos países subdesenvolvidos o exército é freqüentemente a primeira organização burocrática moderna a se estabelecer. É geralmente a mais estruturada e eficiente das organizações burocráticas. Talvez devido àquela vocação burocrática, intrínseca aos exércitos modernos, e certamen-

<sup>30</sup> Janowitz, Morris. *O Soldado profissional*, op. cit.

<sup>31</sup> *Idem*, p. 18.

<sup>32</sup> *Idem*, p. 16 e 17.

te em função dos armamentos e do treinamento que recebem dos países desenvolvidos, o fato é que tem sido muito mais fácil organizar em forma burocrática moderna um exército do que outras organizações. Nas palavras de Lucian W. Pye:

Em comparação com os esforços que foram realizados para desenvolver, por exemplo, administrações civis e partidos políticos, parece que é de certa forma mais fácil criar exércitos modernos em sociedades transicionais do que outras formas de estruturas sociais modernas.<sup>33</sup>

Este processo de modernização ou burocratização dos exércitos nos países subdesenvolvidos pode ter sido mais ou menos lento, dependendo das origens dos mesmos e da forma pela qual foram desenvolvidos. Com a Segunda Guerra Mundial, porém, o processo de burocratização dos exércitos nos países subdesenvolvidos recebeu imenso impulso. Na mesma época, e concomitantemente com a liberação do jugo colonial de grande número de países africanos e asiáticos, o desenvolvimento econômico, ou seja, a modernização e a industrialização dos países periféricos, torna-se seu objetivo político número um. Uma série de fatores, que não cabe aqui discutir, transforma o desenvolvimento econômico, a partir da segunda metade do século XX, na aspiração fundamental de todos os países do mundo, inclusive os países subdesenvolvidos.

Temos, assim, dois fenômenos que ocorriam ao mesmo tempo, a partir da Segunda Guerra Mundial: de um lado os exércitos se transformavam na organização burocrática mais desenvolvida e moderna dos países subdesenvolvidos; de outro, esses países passavam a aspirar, antes de mais nada, ao desenvolvimento econômico. O resultado da conjugação desses dois fatores são as revoluções militares, é a tomada do poder, em quase todos os países subdesenvolvidos da África, da Ásia e da América Latina, pelas oligarquias militares.

Para citarmos apenas alguns países, revoluções militares são realizadas, no pós-guerra, no Egito, na Síria, no Iraque, no Sudão, na Argélia, na Tailândia, na Indonésia, na Coreia, no Paquistão, no Senegal, no Congo, no Togo, no Tchad, na Nigéria, no Brasil, na Argentina, no Paraguai, na Bolívia, no Peru.

<sup>33</sup> Pye, Lucian W. *Armies in the Process of Political Modernization*. In: *The Role of Military in Underdeveloped Countries*, op. cit., p. 74.

Em relação aos países latino-americanos poder-se-ia objetar que este não é um fato novo. Intervenções militares sempre houve na América Latina. Dentro do processo de burocratização e profissionalização dos exércitos, que estivemos examinando, porém, é preciso distinguir as intervenções do passado, muitas vezes realizadas por caudilhos e não propriamente pelos exércitos, ou então por um exército ainda não burocratizado, que simplesmente servia aos interesses das oligarquias rurais, das mais recentes, especialmente das intervenções ocorridas no Brasil e no Peru, que têm um caráter tecnoburocrático definido.

Em todos esses países a tomada do poder pelos militares é, eminentemente, um capítulo da emergência das tecnoburocracias ao poder. Os militares — na medida em que estão organizados burocraticamente, na medida em que são administradores profissionais ou especialistas nas mais variadas atividades não só militares mas também civis, — se constituem em uma tecnoburocracia. Inicialmente, aceitando o modelo liberal proposto pelos países desenvolvidos, o poder é entregue aos políticos e às oligarquias econômicas locais de caráter tradicional e/ou capitalista. Em breve, porém, os militares percebem que essas oligarquias políticas e econômicas estão despreparadas para o exercício do poder, além de não possuírem bases populares. Na verdade, nem a população está preparada para a democracia, nem as elites revelam capacidade para conduzir democraticamente o país no caminho do desenvolvimento econômico. Os militares, por sua vez, além de reunirem capacidade técnica e organizacional, na medida em que fazem parte de uma organização burocrática moderna, têm ainda o poder das armas. Daí para a revolução militar tecnoburocrática e para o estabelecimento de um regime autoritário é um passo.

As ditaduras militares tecnoburocráticas se espalham assim, rapidamente, pelos países subdesenvolvidos. Os militares aumentam o poder político não só em nome de seu poder e sua competência militar, mas em nome de sua competência civil. Isto não significa que os grupos civis não tenham necessariamente competência para gerir-se por conta própria. Em um país como o Brasil, por exemplo, a primeira revolução militar do tipo que estamos aqui analisando ocorreu em 1930. Mas logo os militares devolveram o poder aos civis. Em 1964, quando o poder civil e o esquema político estabelecido trinta e quatro anos atrás entra em crise, e se estabelece um vácuo de lideranças civis no país, os militares, agora plenamente tecnoburocráticos, assumem o poder com ânimo definitivo.

Os militares possuem competência técnica não apenas nas áreas militares mas também civis. Na medida em que são administradores profissionais, têm condições de aplicar seu conhecimento técnico na administração dos mais variados tipos de organizações burocráticas. O caráter generalista, não especializado, do administrador está presente também no militar profissional, que é treinado para administrar a organização militar. Além disso, os militares, antes mesmo de ocorrer uma revolução militar, já começam a ser chamados para grande variedade de tarefas no setor civil. Conforme observa Jacques Lambert:

Nos países subdesenvolvidos que têm falta de administradores profissionais, os exércitos são chamados para desempenhar funções de todos os tipos, no campo econômico ou político. Os administradores públicos e de empresas privadas são pouco numerosos e freqüentemente mal preparados; nos termos em que foi assinalado em vários relatórios, o exército é a instituição que mais rapidamente adquire uma estrutura sólida e bem enquadrada e os oficiais recebem freqüentemente uma formação técnica.<sup>34</sup>

Nesses termos, antes mesmo de assumirem o controle político do país, os militares já começam a ocupar grande número de cargos na administração civil, nas empresas públicas e mesmo nas empresas privadas. Não ocupam esses cargos simplesmente porque os políticos e homens de negócio querem agradar o poder militar, como pretendem os antimilitaristas mais extremados, mas também, senão principalmente, porque têm uma competência básica para executar essas tarefas, na medida em que foram treinados em uma organização burocrática moderna.

Assumindo essas funções civis, os militares já vão, por sua vez, treinando e adquirindo experiência. No momento em que se sentem suficientemente fortes, não só no plano militar, mas também no plano administrativo, e que verificam que seus ideais burocráticos de racionalidade e eficiência não estão sendo seguidos pelo poder civil, seja porque ele representa os interesses de oligarquias tradicionais (caso do Brasil em 1930, do Peru, de todo o Oriente Médio), seja porque o sistema político civil entrou em crises de bases sociais (o Brasil de 1964 é o paradigma deste caso, que tem também excelente ilustração na Indonésia, com a deposição de Sukarno), nesse momento os militares realizam uma revolução tecnoburo-

<sup>34</sup> Lambert, Jacques. *op. cit.* Introdução, p. 14.

crática militar. Seu natural desejo de poder é um ingrediente na motivação revolucionária. Mas o elemento essencial é a crença tecnoburocrática dos militares profissionais de que, assumindo autoritariamente o poder, imprimirão à economia e à política do país maior organização, mais segurança e maior eficiência.

Essas revoluções se revestem de feições direitistas ou esquerdistas, na medida em que revelam uma atitude mais ou menos condescendente para com o capitalismo interno e externo. Assim, o Egito, a Argélia ou o Peru seriam exemplos de revoluções militares de esquerda, enquanto o Brasil de 1964, a Argentina de pós-Perón, ou a Indonésia de Suharto são exemplos de revoluções militares de direita. Na verdade, porém, essa distinção entre esquerda e direita, no caso destas revoluções, é muito pouco significativa. As semelhanças entre si são muito maiores do que as distinções. Todas elas tendem a ser ditatoriais, tendem a colocar a segurança interna e o desenvolvimento econômico como principais objetivos, tendem a ser modernizantes e eficientistas; tendem a colocar nos postos econômicos e políticos-chave profissionais competentes; são, em outras palavras, tecnoburocráticas, antes de esquerda ou de direita.

Na verdade, a classificação entre esquerda e direita, na qual continuam a insistir os analistas e cientistas políticos, adapta-se mal às posições dos militares, como, aliás, à de todos os tecnoburocratas. Conforme observa Arnaldo Pedroso d'Horta em relação aos militares:

Os militares, não estando incrustados na organização econômica como uma classe com interesses específicos, podem passar, indiferentemente, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita.<sup>35</sup>

Isto não significa que os militares, como os tecnoburocratas em geral, não tenham interesses econômicos. Eles os têm. Mas, dependendo das circunstâncias, esses interesses poderão tanto ser atendidos em um regime em que a classe capitalista seja mantida quanto em outro em que a mesma seja suprimida ou reduzida.

As revoluções militares da segunda metade do século XX, nos países subdesenvolvidos, ao contrário do que acontecia anteriormente, são, portanto, eminentemente tecnoburocráticas. São um dos sintomas mais claros e decisivos da emergência ao poder em todo o mundo da tecnoburocracia.

<sup>35</sup> Pedroso d'Horta, Arnaldo. "Lima, ano III". *O Estado de S. Paulo*, 17 jun. 1971.

Os novos militares, ao assumirem o poder, o fazem com o objetivo definido de estabelecer no país uma ordem mais moderna e mais eficiente. Julgam-se o único grupo organizado e detentor da tecnologia moderna no país subdesenvolvido em que realizam sua revolução. O general Edgardo Mercado Jarrin, chanceler do Peru, por exemplo, em sua visita ao Brasil em 1971, declarou textualmente em uma entrevista:

Os militares peruanos chegaram à conclusão, em certo momento, de que eram os únicos detentores da moderna tecnologia. Seus equipamentos eram modernos e financiados por países desenvolvidos. No entanto, o resto da população não acompanhava esses progressos das forças armadas. Foi então que os militares se lançaram a um movimento para estender os benefícios do desenvolvimento aos civis peruanos.<sup>36</sup>

Isto não significa que os militares pretendam assumir todos os cargos importantes assim que assumem o poder. Podem perfeitamente chamar para auxiliá-los técnicos civis. Foi o que fizeram, por exemplo, no Brasil, a partir de 1964. Grande número de técnicos, principalmente economistas e engenheiros, foi chamado para participar do poder, enquanto políticos, homens de negócios, líderes sindicais, estudantes e religiosos, na medida em que não possuíam uma origem tecnoburocrática como os militares e os técnicos civis, eram excluídos do poder.

Finalmente, é preciso deixar claro que os militares assumem o poder não apenas em função de sua competência técnica, mas também como um simples resultado de sua força militar e de sua vontade de poder. Sob esse aspecto, o militar, assim como o tecnoburocrata comunista, usa de sua competência técnico-profissional como uma justificativa para a sua tomada do poder. Na medida em que controlam o novo fator estratégico de produção — a competência técnica e organizacional — eles tendem a assumir o poder político. Mas, na medida em que não são os únicos a dispor dessa competência, na medida em que passam inclusive a surgir grupos de tecnoburocráticos conflitantes, o simples e velho desejo de poder, somado à força das armas, tornam-se elementos importantes. A competência técnica e organizacional é agora o elemento decisivo, caracterizando o poder militar como tecnoburocrático. Mas, obviamente, tanto nas revoluções militares como nas revoluções comunistas que examinamos anteriormente, e nas revoluções gerenciais dos países capitalistas, a tecnoburocracia não aparece em sua forma pura.

<sup>36</sup> Cf. *O Estado de S. Paulo*, 25 mar. 1971.